

Cravados do tempo: entre territorialidades e conjugar partidas e(m) um tatear fotografias

NATALIA NEGRETTI

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas/SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8446-4851>
natalia_negretti@yahoo.com.br

Interlocução. Etnografia. Fotos. Velhices. Avenida. Alameda. Sacada. Janela. Rede. Vegetais. Andar de flor, andar de pássaro. Pregador. Acolchoados que circulavam após a mesma lavagem, mas que, muitas vezes, acabavam no mesmo colchão. Três camas em cada quarto. Sacolas, malas, baldes, calendários. Cabides. Camisas. Flores de plástico. Elevador. Escada. Habitação. Moradia. Convivência. É casa para alguns moradores; para outros não. Tantos nomes, usos e perguntas diferentes. Imgeticamente duas nomeações sociais são bem elucidativas e uma delas pode ser encarada como um papel impresso - de imagem - com o qual muito pode ocorrer. Entre essa larga possibilidade, se rasgado com durex, seu antes é visível; para estar em rasgo, não fora sempre rasgado. Eis Centro de acolhida especial para idosos (CAEI) e a forte vinculação, de escrita e de imagem e de imaginário com outra instituição – asilo, e com a imagética, ora diversificada, mas simultânea a estereótipos e estigmas da população em situação de rua também no que refere à noção de falta. E estufa.

Evitei olhar fotografias de dois espaços cemiteriais. Fotos sem menção a quem se foi. Fotos com ramos e brotos entre terra e cimento. Não registrar menção a nomes. Desconforto e tentativa. Olhar tais fotos posteriormente tanto de um ano de clicadas quanto também de duas partidas pontuais. Luara e Amanda. Especificamente. Ver fotografias de dois cemitérios que visitei um ano antes, ano também longe de duas mortes, duas faltas, dois lutos de interlocutoras. O efeito de olhar as fotos dos cemitérios tempos depois foi de receio amenizado por ter as clicado, assim como contrastou ao encontrar medos e receios anteriores frente à finitude. Será que caminhos emotivos “seguem” a não linearidade, assim como faz o curso da vida? Quão estreita é a relação entre estes dois caminhos?

Exponho, neste ensaio, singelos apontamentos sobre determinadas relações, aproximando-me do que Florence Weber (2009), em suas considerações sobre o diário íntimo, aborda como “insuficien-

temente analisado”. Porém, essa insuficiência é compreendida como maneira perpétua de transformação; não está na ordem da análise dos sentimentos. Por isso, não tem um foco fixo, se espalha e flui e embora constitua um processo reflexivo etnográfico, ultrapassa o período do mesmo; manifesta não somente sua permeabilidade, como traz vultos de. Deste modo, tal trabalho fotoetnográfico se debruça num trajeto misturado em torno de emoção e memória, tateada pela primeira vez, sobre “substância emocional” a contar da orientação de Janet Carsten (2015: 115) – a mim chegada¹ como um reorientar-se frente à “mutualidade do ser, nas maneiras como as essências das pessoas e relações se aderem em coisas, ou então que podem ser metaforicamente atreladas a elas, e como esses materiais evocam qualidades temporais”.

Com “substância emocional” busco também, no acompanhar de “conversas não inocentes” (Haraway, 1995), traçar um diálogo entre assumpção de “sensibilidade de mundo” (Mignolo, 2017) e uma “postura geracional” (Motta, 2002); procuro me aproximar da fratura apontada por Giorgio Agamben (2009) – ao questionar sobre o que é ser contemporâneo – como aquela de lugar de compromisso e de encontro entre tempos e gerações. A partir desse posicionamento, corporalmente localizado, é importante salientar que tal direcionamento se refere à finitude de vidas. Vidas que tanto em seu registro obituário quanto antes, vitais, apresentavam um vinco polissêmico: consideradas velhas.

Donna Haraway (1995:38) relacionou ao construir feminista uma abertura de espaço para surpresa tal qual para ironias no pulsar do conhecimento, chamando atenção à falta de controle do mundo e estabelecimento de tentativas de “conversas não inocentes”. Walter Mignolo (2017: 20) referenciou por “sensibilidade” em vez de visão “de mundo” “afetos e os campos sensoriais, um só dos quais é a visão”. Alda Britto da Motta (2002: 37), ao lembrar do reconhecimento da idade pela área antropológica, como “componente bio-sócio-histórico estruturador na organização da sociedade” trouxe à tona sua “definição simbólica forte” e as gerações como “parte essencial da dinâmica coletiva que as impele ou lhes imprime continuidade social”. Evidenciou desta forma que ambas constroem diferenças e desigualdades sociais. A revelação escrita pela autora, na ocasião em que defendeu a importância da idade e geração nas relações de gênero, traz uma compreensão direcionada também no sentido de sentir-emitir análise.

Veículo reverência a essa importância frisada (e) por Motta à abertura de outra tentativa: de me aproximar, por meio de entendimento de pesquisa como coparticipação e de atenção à tomada de emoções e memória, da perspectiva da partilha do sensível (Rancière, 2005: 15, grifo do autor) como aquela que “fixa [...] ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e *como* uns e outras tomam parte nessa partilha”.

Ao contemplar ademais a temática velhice é importante apresentar também algumas direções teóricas em torno dela e de seu vínculo com tempo. Silvana Tótora (2008), em diálogo com as pesquisas genealógicas de Michel Foucault e a moral nos estudos de Friedrich Nietzsche, abordou o envelhe-

¹ Agradeço pelo estímulo, já há alguns anos, de Natália Corazza Padovani (Pagu/Unicamp) e o friso que se tornou então tentar me aproximar de tal orientação. Esta foi também oportunidade de chegar, aos poucos e de variadas formas, a determinados temas; em termos de *kairós* juntos, mas se fosse em uma perspectiva cronológica, literalmente de frente pra trás.

cimento como objeto de estudo constituidor de um problema de natureza ético-política; a produção do sujeito velho traz relações de poder. Deste modo, problematizar a velhice pode significar – além das formas de dominação e exploração – uma forma de comprometer-se com o combate à submissão da subjetividade.

A mesma autora, em trabalho posterior (2015), ao dialogar com Gilles Deleuze, Félix Guatari, bem como Peter Pál Pelbart², tece o futuro como acontecimento virtual que insere o tempo da dimensão da vida. A perspectiva de velhice como acontecimento, composta pela conexão entre os conceitos de vida e tempo, concebe este como “exterioridade pura; e o tempo como essa exterioridade ou o fora, sob a condição da dobra, é um tempo saído dos gonzos que dobra e desdobra em acontecimentos novos e subjetividades por vir” (Tótor, 2015: 15). Em torno dessa coordenada deleuziana, a autora formula um conceito: “*uma velhice... existência como dobra do tempo do acontecimento, atualizando, a cada momento vivido (kairós), a vida como [d]obra de arte*” (*ibidem* – grifo meu).

É nesse sentido da (d)obra de arte que a autora delimita que o pensamento trágico como aquele não consolador, mas que provoca e afirma a velhice: “Diferentemente do pensamento moral, o pensamento trágico nada quer corrigir, nem separar o corpo do espírito, e sim, fazer das adversidades uma potência de invenção artista” (Tótor, 2015: 221). A vida como (d)obra de arte permite também, como Tótor (*ibidem*, grifo meu) propõe, questionar o que pode a velhice: “A velhice experimentada, como multiplicidade de vivências, sensações, forças, afetos e intensidades fortes demais, explode os limites do organismo e pode *roçar a vida* e imprimir no corpo as marcas da morte”.

A abertura de evitação, referida anteriormente, ocorreu com a visualização de um conjunto de imagens capturadas em 2019, cujo foco foram folhas, órgãos vegetais, nos cemitérios da Recoleta e Chacarita, Argentina. Deu-se após iniciadas duas experiências de luto no ano seguinte: as finitudes de Luara e de Amanda, com quem desde 2016 me relacionei. Abril e agosto, respectivamente, de 2020. Junto do afeto pela vida e memória dessas mulheres, apresento um desdobramento, o caminho dessa dobra frente a outros percursos e o de uma outra evitação: o de refletir sobre o envolvimento com trabalhos com e em torno de plantas, jardins e fotografia iniciado pelo diálogo tecido com pessoas a partir de sessenta anos na ocasião do início de uma pesquisa etnográfica. Envolvimentos, deste modo, endogâmicos e exogâmicos ao texto de doutorado; como as interlocuções, que começaram com a pesquisa e a extravasam, bem como seu texto, as atividades em torno de tais temas, ao terem sido suscitados pelos encontros da investigação influem na substância emocional da “interlocução partilhada”.

Cabe aqui retornar ao movimento de feitura desse ensaio. Este elucida pontos em torno de possibilidades de tamanho e forma aos quais conteúdos de reflexão são prescritos e se emoldurou também frente ao que Maria Claudia Coelho (2019) sinalizou como as intrusas indesejáveis. Formado a partir do extravasar de caracteres permitidos para um ensaio fotoetnográfico, proposto no parecer ao primeiro manuscrito enviado, pensado e entregue, a princípio, como um ensaio visual. Esse a princípio importa porque é uma forma de imprimir que, desde sua primeira forma, embora buscasse articular memória e emoções no rever de fotografias feitas em dois cemitérios num período em que o receio de

² Para uma aproximação antropológica e visual em torno, entre outros tantos temas, do atravessador tempo com esse autor, indico suas indagações pela trajetória da fotógrafa Claudia Andujar no filme *Gyuri* (2019), dirigido por Mariana Lacerda.

luto atravessava relações afetivas e era companhia de uma pesquisa de doutorado, cuja escrita ainda não foi finalizada nem entregue, sua procura e aproximação se dava e se propunha com mais imagens e com menos escrita.

A relação entre esses caminhos, ao caracterizar encontro, pode ser ainda se dar por via de uma reunião. Curvilíneas também são as observações em torno de emoções suscitadas durante e a partir de interlocções, um movimento que este texto pretende fazer e se aproximar respectivamente. A própria palavra curvar: longe de se restringir aos espaços e tempos do período que chamamos de pesquisa de campo, algumas emoções tomam também no nosso corpo trajetórias de continuidade e de memória.

No primeiro semestre de 2018, uma das técnicas apresentadas na *Oficina artesanal: Antotipo e Fitotipo*, ministrada pela fotógrafa Dani Sandrini³ no Museu Ema Klabin, marcou o encontro de duas palavras substanciais ao trabalho de campo e partilha de interlocção: fotografia e folhas vegetais. Desde aí dobras e curvas passaram a se relacionar com a dinâmica de folhagem que envolve a fitotipia (reprodução de imagens em folhas vegetais). Essa técnica, por ter sido o primeiro exercício sem palavras frente à relação entre subjetividade empreendida no que refere à memória de “interlocção partilhada”, será referenciada mais à frente. Nesta ocasião, recuperando que a procura pelo aprender a fitotipiar (Negretti, 2020) demandou modos de interagir com as emoções que não a escrita e revelou também limites e dificuldades em torno desse trabalho emocional com o ato de escrever, busco inserir tal forma e conteúdos à reflexividade.

Como atos de dobra e desdobra, empreendo a noção de impressões e reimpressões que o fazer fitotipia permite. Deste modo a divisão do texto faz menção a tempos e etapas fitotípicos.

Visibilidade, imagem e aparecimento

*Luz do sol no chão molhado,
acerolas temporãs,
som de vento no telhado,
cores mortas nas manhãs.*

*Fogem nuvens, passa o rio,
vão-se as cores do verão,
passa um tudo um calafrio
que me aperta o coração.*

*Tudo um dia vai-se embora
Tudo existe de passagem.
Mais que nunca sinto agora
que sou parte da viagem*

Outono, Fernando de Oliveira e Rosa Passos

³ Para conhecer trabalhos artísticos com a fitotipia, além dos dessa artista, recomendo também o de um artista apresentado pela mesma, Binh Danh, e o de Fede Ruiz Santesteban.

É a um fazer referência a imagens veiculadoras de memórias que esse texto e seu caminho se referem. Diante de caminhos emotivos e de memória, estima-se a articulação entre temas relacionados em distintos períodos de uma pesquisa etnográfica sobre velhices e trajetórias que envolveu a presença de aparições e desaparecimentos sobre concepções de doença, vida e morte, bem como resistência, perda e medo até aparições de finitude. Os vínculos desses acontecimentos de aparição e desaparecimento na interlocução traçaram também vincos emotivos e, sob a perspectiva de não linearidade, se relacionam com o curso da vida.

Deste modo, o título com a palavra *cravado* busca fazer menção à memória e emoção a partir do primeiro trabalho realizado no que refere a vínculos de acontecimentos e vincos emotivos, momento em que manejar reimpressões de fotografia foi forma de atentar que esquecimento, emoção e lembrança corroboram eventos e processos (Negretti, 2020) a partir da experiência de fitotipia. Se em tal ocasião, o trabalho se desenvolveu fortemente em torno de concepções de vida e morte e indeterminado como menção à imprevisibilidade de longevidade, de vida e de relações nesta ocasião me debruço na finitude.

Ainda no que refere a este percurso, emaranho à primeira noção de cravado no tempo manejada por mim naquele período – no que refere à memória, etnografia e fitotipia – ao que Fabiana Bruno (2003: 20, segundo grifo meu) tão bem formulou sobre representações e velhices: “se tornar velho representa *um tempo e um espaço* do ser humano, de qualquer ser vivo, *cravados numa vida e numa memória*; o tempo e o espaço de um *indivíduo* vivendo *numa sociedade*”.

Por fim, retorno ao cravado no que refere à memória e emoção a contar de vínculos de campo – e não restritos ao um enquadramento rígido de pesquisa de campo – sobre formulações plurais de vida e de morte, temporalidade e relações e sensações frente a limitações, imponderabilidade e imprevisibilidade.

“Como os batentes de uma porta, como as asas de uma borboleta, a aparição é um perpétuo movimento de fechamento, de abertura, de novo fechamento, de reabertura...” (Didi-Huberman, 2015: 9). Didi-Huberman (2015), ao se pronunciar sobre o perigo de desconsideração de desaparecimento e desistência, imprimiu também aos movimentos de aparecer e desaparecer “batimento” e ritmo: “[...] uma porta não se abre se não para a qualquer momento se voltar a fechar, uma coisa não aparece, como uma borboleta, se não para no instante seguinte desaparecer” (*idem*). Na perspectiva do autor, o que já não está permanece “[...] a coisa aparecida [...] resiste, persiste no tempo como na nossa imaginação que rememora” (*idem*). A representação fotográfica (Kossoy, 1989) dessa ocasião trata do vínculo entre tempo e emoções suscitadas pela etnografia que perduraram e ultrapassaram o período de campo.

Etiene Samain (1997: XIX) ao pensar a materialidade da fotografia a aborda como ferida e cicatriz: “Pequena queimadura de luz sobre uma superfície sensível (como uma alma) – os nitratos de prata, pele e ao mesmo tempo – a fotografia é, na sua materialidade, tanto uma ferida como uma cicatriz, uma fenda aberta no *tempo*, rachadura do espaço, uma marca um rastro, um indício”.

A fenda das emoções sobre o receio de morte anterior à sua existência foi aberta pelo empreendimento emotivo em torno das partidas de Amanda e Luara, ex-moradoras de uma instituição que

chamo de Estação Sentinela, primeiro centro de acolhida especial para idosos (CAEI) no município de São Paulo e onde iniciei e estive na maior parte do trabalho de campo⁴.

Como lugar primordial da pesquisa de campo, esta instituição foi um “lugar-chave” (França, 2010) que permitiu a observação de uma série de relações e ambiguidades entre cuidado e controle a partir da categoria vulnerabilidade, relacionada a instituições e curso da vida nas políticas públicas gestadas em grande parte pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. As atribuições de sentidos de tais políticas constroem também esse lugar. O primeiro e mais visitado CAEI foi também a chave de acesso e mobilidade por outros equipamentos públicos gestados por tal Secretaria de acordo com os trânsitos dos interlocutores.

É preciso explicitar também a ligação entre desaparecimento e aparecimento, via passagem textual de Didi-Huberman, com a Estação Sentinela e a interlocução partilhada. Por diferentes períodos, não saber sobre alguém, procurar pessoas, esperar ligação, ter laços afetivos com quem não tem celular, mandar recados e esperar outros, entre outras situações, formaram enredos destas relações. Junto disso, ser apresentada como família consanguínea em um outro centro de acolhida por Amanda, recear isso, mas também partilhar disso e performar tal laço sanguíneo, além de ter constituído relações de afeto e trocas com ela, conta um pouco também sobre mutuar o possível – com ela e com outros interlocutores – em que o laço e seu nome são mediados por regras de espaços institucionais. Espaços estes vinculados a, mas também produtores de redes. Vinculada ao tempo, emoções e a redes de instituições, cabe recordar que substâncias trocadas transformam trajetórias (Padovani, 2018).

Envolta de assimetrias e poder, comutar deu vida a sensações ambíguas e misturadas sobre arranjos, afetos e família. Voltar para determinadas questões via as finitudes de Luara e Amanda ecoa também o que Carsten (2015: 115) considerou como “parte da criação de histórias maiores ou histórias mais pessoais”. Em sua proposta em torno não do que o parentesco é, mas do que ele faz, a autora sugeriu que “devemos prestar atenção na importância da temporalidade no parentesco e em como é possível imaginar relações de parentesco que perduram ao longo do tempo e distância” (*idem*). Temporalidade, para Carsten:

nos convida a ver como parentesco é um processo inerentemente graduado; pensar sobre tempo e parentesco é também pensar em termos de mais ou menos, permitindo maneiras de entender como o parentesco se acumula ou dissolve ao longo do tempo. *Analicamente, significa adotar seriamente o lugar da experiência, intuição, emoção e memória no parentesco, na maneira em como eles são investidos com qualidades e ressonâncias particulares. Significa também estar atento às maneiras pelas quais as particularidades de gênero, ordem de nascimento e idade se colocam em histórias maiores ou menores. Isso nos faz voltar ao insight de que, para muitas pessoas, tempo e história são comumente entendidos através de idiomas de parentesco.* (Carsten, 2015: 115 – grifo meu).

Natália Corazza Padovani (2018) atentou, em sua análise sobre as redes de afetos tramadas através das prisões, à substância a contar da teoria de Carsten, bem como à produção de vida cotidiana e produção de família. Como argumentou Padovani (2018: 39), “redes de afeto são poemas transitivos”.

4 Pesquisa orientada pela Prof^a Dr^a Isadora Lins França.

Nessa conceituação, redes de afetos, articulação política e produtoras de instituições: “Se não são necessariamente atos críticos de resistência, são tramas em formas de substantivo e verbo que agenciam fronteiras e que por elas transitam” (*ibidem*: 40).

Como tramas, afetos e emoções substanciaram o primeiro exercício emocional que unia imagens e folhas vegetais em torno da pesquisa de campo, em 2018. Ao ecoar tanto ferida quanto cicatriz, nos termos de Samain, fotografias escreventes, por meio da fitotipia, compuseram uma maneira, sem palavras e quieta, de fluir engasgos em torno de substâncias da “interlocução partilhada”. No ano seguinte, um ensaio fotográfico, que se alinhava a este escrito, foi realizado com o intuito de atribuir sentidos de reflexão sobre o que no período compreendi como performance emocional a partir do ofício-pesquisa.

Samain (2009: 33) também considerou que a imagem é uma forma que pensa por veicular e avivar ideias quando a olhamos; “são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia”. A imagem, conforme o autor, também carrega memória e a ritualiza: “Ela é a eclosão de significações num fluxo contínuo de pensamentos. É por essa razão que a imagem pode-se tornar, então, uma fulgurância numa noite profunda, um clarão, uma aparição de uma espécie fantasmal esquecida [...]” (*ibidem*: 34). O mostrar das imagens e estas também se relacionam à temporalidade fluida, afastando a ideia de pensamento definitivo, bem como de memória acabada.

Ana Clara Torres Ribeiro e Alice Lourenço (2001: 115) reflexionaram o anonimato como “fenômeno móvel e, ao mesmo tempo, articulado a seletividades e imobilizações sociais profundas”. Ao referirem o texto que escreveram juntas, afirmam que:

*foi concebido de forma estranha e árdua, já que parte de uma intuição em direção a possibilidades de demonstração de um fenômeno negativo – o não-ser, o não-outro, o nada. Evidentemente, teria sido possível recorrer, com este intuito, à vasta temática contemporânea da exclusão social⁵. Porém, queríamos atingir algo mais radical, envolto no ocultamento e no desaparecimento. Com esta vontade, elencamos, de início, alguns espaços e tempos sociais que orientariam a pesquisa do não-outro: asilos, orfanatos, enterros de indigentes, cadáveres sem identificação. Esta tem sido uma pesquisa difícil, por comprometer o pesquisador com o que se encontra atrás (em qual temporalidade e espacialidade?) do tecido social mais aparente, hoje espetacularizado (*Ibidem* – grifo meu).*

Os asilos, envoltos tanto “no ocultamento e no desaparecimento” (nas palavras das autoras) quanto nas imagens-imagéticas referentes à pesquisa e interlocução partilhada, foram inseridos por Foucault (2013: 117) na noção de heterotopias de desvio: “aquele em que se alocam os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas; e são, certamente também, as prisões”. É justamente ao falar de um espaço, aqui neste ensaio referenciado, que Foucault (2013: 118, grifo meu) demarcou teoricamente a heterotopia: “[...] o cemitério é mesmo um lugar altamente heterotópico, pois ele tem início com essa estranha heterocronia

5 Importante relacionar, nesta temática, a perspectiva de violação de direitos. No que refere a esse debate, talvez uma ideia de tréplica do uso de “exclusão social”, em outro texto de Ribeiro (2013: 31), seja do tratar-se, entretanto do que a autora propôs como sujeito corporificado: “da possibilidade de que, por fim, surja o sujeito corporificado, isto é, que o sujeito de direitos – previsto e garantido em lei – se materialize em sangue, carne e cultura, permitindo a radical superação do idealismo e do materialismo objetivante”.

que é, para um indivíduo, a perda da vida, e essa quase eternidade em que ele não cessa de se dissolver e de desaparecer”.

À dinâmica de dissolução e desaparecimento se encontram também modos de fazer aparecer antropológico que mescla inclusão e exclusão de assinatura. Vale lembrar então que um desempenho diante do anonimato pode ser compreendido pelo que fora apontado por Claudia Fonseca (2007: 49) ao tratar do uso de pseudônimo como “uma maneira de lembrar a nossos leitores e a nós mesmos que não temos a pretensão de restituir a “realidade bruta””. Em tal mediação, espécies vegetais, por meio de suas versões de nomenclaturas conhecidas como populares, foram componentes, estando, muitas vezes, entrelaçadas às feições dos nomes inventados por algumas características da feição da “interlocução partilhada”. Como escreveu Ítalo Calvino (2015: 13)

[...] os nomes anódinos são abstratos: na realidade sempre se encontra uma sutil, impalpável, às vezes contraditória relação entre nome e pessoa, de modo que alguém é sempre aquilo que é mais o nome que tem, nome que sem ele não significaria nada, mas, ligado a ele, adquire um significado todo especial mais o nome que tem, nome que sem ele não significaria nada, mas, ligado a ele, adquire um significado todo especial.

Muito embora o pseudônimo de Amanda seja um nome consensualmente humano, no sentido de caracterizar a noção de “nome próprio”, e que tenha sido investido pelo significado da palavra amor para ela e como eu ouvia isso, foi um dizer específico seu frente às plantas que as entregaram nesse campo de relações. Seu pedido para que eu guardasse suas plantas em 2017 diante de uma transferência de Centro de Acolhida pela qual passaria principiava as plantas na pesquisa de distintos modos; desde nas observações de seus crescimentos na Estação Sentinela e modos de cuidado delas por parte de moradora(e)s até nas escolhas de pseudônimos, fomentando também outras aberturas de revérbero.

O pedido de Amanda foi motivo de angústia e alegria. O número limitado de pertences nos centros de acolhida como solo de sua solicitação trazia subjetividade como direito, mas mais que isso: como pertença. Sua solicitação também abriu um caminho de se sentir mais à vontade com a companhia de vegetais em distintos períodos de seu ciclo, então também flores e frutos, nos espaços subjetivos acessados a contar do início de interlocução.

Entre o sensível e indizível dos e nos centros de acolhida visitados estava também um caminho subjetivo para, mais tarde, traçar uma tentativa frente à arriscada não inocente nomeação e observação de plantas e, se possuem, flores e frutos, combinadas a velhices, não moradia e população em situação de rua. A consideração de símbolos e contrastes, que dava rumo a um espaço com imaginários distintos, abarcava também simultaneidades. Tais estampas e contraposições, atravessadas por estereótipos e disputas discursivas, oferecem chaves de articulação em vez de serem tomadas como agentes passivos de associação.

Michelle Perrot (2017) mostrou, ao tratar da água, fogo e terra como elementos companheiros de imaginários sobre mulheres, associações povoadoras de literatura e poesia. Ao considerarmos que há também um imaginário sobre os asilos, compreendidos como espaços generalizados e generalizadores em encadeamentos de sentido frente a instituições em que pessoas consideradas, em determinado pe-

ríodo, velhas, moram com outras com as quais se assemelham como moradoras, vale atentar a mais uma corrente. Tais composições conformam cenários e muitas vezes trazem um outro elemento: o jardim. Essa combinação foi anunciada, com revolta, pelo personagem Silva, em *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe (1971:22):

[...] e as putas das flores e das arvorezinhas cheias de passarinhos aos quais devíamos torcer o pescoço para nunca mais interferirem em nossas feridas profundas. Que se fodam os discursos da falsa preocupação dessa gente que sorri diante de nós mas que pensa que é assim mesmo, afinal, estamos velhos e temos de morrer, um primeiro e o outro e depois está tudo muito bem.

Todos esses elementos, ambiguidades e conflitos de imaginários estiveram e estão presentes na interlocução partilhada. Todos eles estão também na própria articulação dos espaços: centros de acolhida para pessoas idosas em situação de rua. Nesse sentido, o pedido de Amanda fora também uma sensação duradoura: atribuição de delicadeza e violência, bem como ausência e presença de direitos e subjetividades, em espaços como os que os moraram, existentes para além de por quem lá mora, trabalha ou, como eu, visita; esses espaços como imaginários estão até o “ouvi falar”.

As fotografias e sua relação com anonimato e visibilidade também estiveram presentes desde o início de partilha de interlocução. Claudia Turra Magni (1995: 143) apontou a fotografia, além de documentação e registro em seu trabalho de campo, como contributo de interação, partilha e presente. Interessada pela cultura material do grupo com o qual teceu interlocução, ela destacou que: “assim, não seriam relatos, depoimentos ou entrevistas que mais interessariam ao estudo, mas preferencialmente os comportamentos, gestos, atos e, em especial, a relação que os habitantes das ruas estabelecem com os espaços, os bens materiais e os seus corpos” (*ibidem*: 142).

Embora diferentemente da proposta da autora (uma vez que a etnografia realizada, desde o início, contemplou o interesse por entrevistas), os bens materiais e gestos tiveram presença na interlocução. O que se tornou potente quando reli, durante essa escrita, o texto de Magni foi indagar novamente em lembrança a autorização exclusiva de fotografia sem entrevista concedida: pessoas que não queriam partilhar suas trajetórias, mas permitiam que eu as fotografasse. Simultaneamente a isso, a presença na pesquisa era móvel também no que refere ao tempo de idas na Estação Sentinela. Luara, inclusive, quando ainda era Valéria⁶, se recusou por um período a “dar entrevista”. Conversávamos, mas ela não quis, durante um bom tempo, participar da pesquisa. Após um curto período da saída de Íris (pseudônimo), também interlocutora, do respectivo centro de acolhida, Luara demonstrou interesse em fazermos uma entrevista quando me convidou para ir ao seu quarto. Nossas conversas mais curtas, no refeitório e escada, se tornaram mais longas quando sentávamos no cobertor de sua cama, um espaço seu em seu quarto compartilhado.

A permissão de captura de imagens, mas não interesse de conceder oralmente participação, também conformou a relação entre fotografia-etnografia-anonimato. As concessões de aproximação visual via fotografia, com assumpção ou não de entrevistas, elencaram a vontade de fotografar outros

6 A troca de seu pseudônimo ocorreu a contar de seu falecimento.

gestos e caminhadas relacionados à “territorialidade” (Negretti, 2018): se no território jurídico a idade é certa, as nomenclaturas em torno dos significados sobre e para o envelhecimento e velhices informam tanto uma disputa quanto uma diversidade de abordagens, políticas e ideais, bem como uma trama de imaginários.

Atentando ao uso do território e não este em si mesmo como objeto de análise social e híbrido (Santos, 2009), refletir sobre territorialidade(s) permite a tentativa de visibilizar corpos e contextos que dinamizam e questionam velhice como uma fase homogênea, no entendimento de envelhecimento como processo, considerando a dimensão em torno dos “sistemas representacionais da velhice” (Peixoto, 1998), “signos do envelhecimento” (Debert, 1998) e o “significante terceira idade” (Birman, 2015).

Folhagens – reimpressões, simultaneidades e vínculos

Regis Debray (1993: 33) atenta que a imagem, esculpida e pintada, é “na origem e por função, mediadora entre os vivos e os mortos”. Como essa fotoetnografia parte de um campo de emoções em torno do tempo referente ao luto, de quando este foi receio e quando incorporado, é preciso salientar as conceituações de Marcel Mauss (1979: 148) sobre expressões orais de sentimentos não como “fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais”. A abordagem de Mauss nos direciona a uma noção de sentimentos mais que meras manifestações; compreendem e empreendem entendimento coletivo. São linguagem.

Nessa locução, os pseudônimos Luara e Amanda se entrelaçam aos processos de nomeações na interlocução e também à atividade entre fotografia, imagens, folhas vegetais, folhas de transparência, vidro, se possível uma prancheta, pregos ou ganchos e sol. Esse fazer, conhecido como fitotipia, inicia-se com uma revelação ou, conforme as formas de visualidade e visualização de fotos, a máquina digital e celular, com impressão de imagens.

Eduardo Achutti (1997: 15), em seu trabalho antropológico com mulheres trabalhadoras de reciclagem de lixo na cidade de Porto Alegre, conceituou e praticou a fotoetnografia como uma “forma de narrativa etnográfica através da fotografia”. A dupla entrada atribuída pelo autor disserta sobre a complementariedade das abordagens verbais e imagéticas na constituição etnográfica.

Seguindo as possibilidades da fotoetnografia trazidas por Achutti, o exercício iniciado com a abertura das fotos de dois cemitérios buscou apresentar na narrativa etnográfica imagens e emoções em torno de dois lutos. Impressões e apreensões suscitadas por tais e outros encontros com a pesquisa e seus prosseguimentos, manejos, bem como remanejos, vincularam a um anterior fazer em torno de abalo, conformando um vínculo com o ato fitotípico.

Uma imagem revelada em folha transparente, se colocada em uma folha vegetal e exposta a luz, pode ser reimpressa e mantida; uma folhagem nova é gerada. A fitotipia reproduz, deste modo, folhagens de imagem. Se a reimpressão consecutiva a uma geração de imagem requer uma exposição à luz, na sua conservação a luz precisa ser ao máximo evitada. O período de luz em que se prepara uma impressão em uma folha vegetal não é o único fator de produção e mantimento da imagem reproduzida. O outro fator é a própria folha que receberá a imagem. Nem toda folha vegetal se torna folhagem fotográfica.

Enquanto essa especificidade das folhas e dos processos de fitotipiar dão um ânimo de unicidade para cada experiência, a coerência da fitotipia se dá no que refere à transformação. Quando a reimpressão é vital, indeterminadamente no tempo a imagem é cravada na folha vegetal. O indeterminado e o cravado estão desse modo também para o tempo.

É oportuno recordar que em 2017, antes de trabalhar emoções a partir de folhagens, um texto na revista *Piauí* ficaria em minha memória. A frase de Aparecida Villaça (2017: s.p.) – “Não importa a idade, talvez mais de 85 anos, o seu fim foi repentino para mim” – estaria mais tarde numa das lembranças, até então mais silenciosas e não ditas, envoltas a esse ensaio. A antropóloga publicizava seu enlutamento e enlutava-se simultaneamente diante do falecimento de Paletó, em suas palavras, “em direção ao homem que havia me adotado como filha”.

O texto de imensa importância para a autora e para o homenageado poderia ser lido de ângulos em que o despedir-se e as emoções em torno de luto estivessem mais ou menos em questão. Poderia ser relevo na leitura, por exemplo, tantos anos que Paletó e Aparecida tiveram após se encontrarem em uma interlocução via o que se chama, e cada vez mais tem sido mais recheada de termos companheiros, pesquisa de campo. Poder-se-ia ser um texto que chamasse atenção em torno dos Wari', do Paletó e da etnologia, entre outros olhos diversamente direcionados. Entretanto, naquela ocasião da leitura do texto, que veio a se tornar presença, o eco que ouvia estava na descrição emotiva que a autora fazia sobre ver Paletó envelhecer e o que isso trazia de lembrete em torno de sua finitude: “muitas vezes, desde que o via ficando mais e mais velho, me peguei pensando se seria capaz de chorar a sua morte do jeito que os Wari' fazem”.

Passado um ano de interlocução com pessoas a partir de suas décadas de sessenta anos, quando li aquele texto me emocionei por Paletó e Aparecida e por ambos, além de pela própria finitude. Mas a emoção veio também porque o receio de ver e saber sobre partidas de pessoas com as quais convivia, há cerca de um ano e meio, era sentido desde que comecei a ter mais contato com as questões de saúde em tais vidas. A captura de fotos trazidas a este ensaio se localizou, pois, temporalmente entre o medo e a presença de luto. Após os encontros com a finitude de Luara e Amanda, vivenciados de formas distintas, as fotografias de dois cemitérios passaram a compor uma lembrança localizada.

Ante a interrogativa em torno de fotoetnografia e não ensaio fotográfico, o trabalho aos poucos se tornou processo de colocar uma atenção mais pontual em torno das emoções no tempo a contar dos próprios indícios escritos no primeiro exercício. Se a partir de dois lutos, vividos anteriormente ao momento de olhar as fotos e da feitura por este ensaio, os lutos foram revividos com um olhar a dois cemitérios visitados, foi possível, a certo custo, perceber que havia ali uma dificuldade de trabalhar com palavras o que eu denominei como o receio de luto e ter em mente que esse medo falava de espaços que eu procurei manter vivos anos antes com a fitotipia. Essa reflexão em torno das emoções no tempo, a contar do período de encontro com afetos, abriu uma conexão também com o que anos antes eu tentara, por um lado, eternizar e, por outro, aprender a lidar com sumiço, literalmente. Se hoje me debruço ao enterrado envolto de folhas vegetais, foi pelo indeterminado revelado em folhas vegetais que um fazer emotivo teve início.

Poder-se-ia estar emaranhado ao envolvimento e desencadeamentos de várias ordens juntas. Vincent Crapanzano (1991) nos informou da necessidade de reconhecimento quanto ao envolvimento dos encontros de pesquisa e que interesses de nossa pesquisa – inclusive teóricos e metodológicos - e os “de outra natureza”, no apontamento do autor, não são independentes do encontro em si. Há possibilidades de refletir sobre sentimentos e emoções, “hóspedes não convidados da situação etnográfica” (DaMatta, 1978: 7) ao parafrasear Claude Lévi-Strauss que não pela via de pretensão de análise. Quando Roberto DaMatta refere “seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção” (*idem*) e que “tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva vem com ela” (*idem*) o autor a confere à rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, mas também informa que “sua manifestação assume várias formas” (*idem*). Essas variadas formas são compreendidas aqui pela feitura do ensaio fotoetnográfico. Este, que se pretendeu a princípio como ensaio visual em torno de emoções e memória partia já de uma noção de emoções para além das situações etnográficas; de uma concepção em que os sentimentos e emoções continuam porque estão a contar da “interlocução partilhada”.

Compactuando também com o que Edlaine de Campos Gomes e Rachel Menezes (2008) informam sobre laços gerados e sua expressividade ou não na escrita, esse trajeto proposto está também sob o risco de leituras em torno de sintoma, termo relatado pelas autoras. Gomes e Menezes, num exercício sobre emoções, subjetividades e recepção de seus trabalhos, articularam em sua análise a duplicidade (explícita/ assumida) de papéis que ambas tiveram em situações durante as pesquisas que desenvolveram. Na escolha de dialogarem com “críticas elaboradas por Abu-Lughod (1990) à tendência psicologizante e etnocêntrica nas ciências sociais, ao considerar que todos os seres humanos estão comprometidos com a auto-compreensão cotidiana de suas vidas” (Gomes & Menezes, 2008: 16), as autoras consideram que seja qual for “o objeto de investigação do antropólogo, necessariamente haverá uma articulação com a própria história e subjetividade do pesquisador”.

Desta maneira, conforme tal abordagem caberia por parte de quem faz uma pesquisa refletir sobre seus desejos e possibilidades em torno de determinada temática. As autoras não desconsideraram os debates postos sobre determinações conscientes e ou inconscientes na escolha de temas, mas questionam “o uso de interpretações provenientes dos saberes “psi” no campo das ciências sociais com atribuição de valor diferencial a certos assuntos” (*idem*). Ao referirem uma hierarquia entre áreas de investigação antropológica, relacionam também valores e contextos: “[...]quando sexualidade, morte, segredo, família, religião e sentimentos no fazer antropológico podem provocar comentários jocosos – evidencia valores correntes de um grupo, em um dado contexto” (*idem*).

As autoras, ao informarem algumas devolutivas do trabalho de Menezes sobre a gestão de processos de morte e de Gomes sobre ter tecido interlocução com a família em sua pesquisa, atentaram que “reações dos pares ao exame e estudo de determinadas questões refletem os valores morais associados ao tema” (*idem*). No reagir narrado, à Menezes estiveram presentes “comentários como ‘morbidez’, ‘masoquismo’ e sugestões de procurar tratamento psicológico e/ou psicanalítico para ‘evitar uma depressão’” (*idem*), enquanto para Gomes “conselhos: ‘ao invés de pesquisar a família devia fazer psicanálise’, ‘atenção para não ficar muito mobilizada’, ‘cuidado com sua exposição’, entre outros” (*idem*). Ao tramarem

escapes e foco das respostas acadêmicas aos seus trabalhos, a reflexão das autoras nos leva também às dinâmicas de movimento entre aparecimento e desaparecimento frente a interpretações de seus trabalhos e as análises empreendidas em tais produções científicas: “A escolha do objeto de pesquisa foi interpretada, por alguns, apenas como sintoma a ser tratado e não como tema de interesse acadêmico, racional e legítimo [...] Questões significativas apontadas nas análises ocupavam uma posição subalterna, em relação à interpretação presumida de um problema pessoal das autoras” (*idem*).

As reflexões e narrações de Menezes e Gomes frente à recepção de trabalhos, sujeitos e temáticas, que apontaram também “a sugestão, de seus pares, de buscar atendimento psicanalítico, o que evidencia a preeminência da psicanálise, na visão cosmológica dos antropólogos” (*idem*) podem ser envolvidas à indignação compreendida por Olga Hansberg (1996) como um sentimento moral e que envolve demandas gerais e casos específicos. A demanda geral atribuída nas recepções relatadas pelas autoras pode ser compreendida como de ordenamento e categórico de distintas ordens; relação e tensão entre objetividade e subjetividade; onde as emoções cabem, onde não, seus limites, quem pode falar e quem não. Nela se misturam ainda atribuições de valores em torno de ordem público e privada como baliza de comportamentos de pesquisa admirados, aceitos ou desprezados.

A seguir me atento ao trajeto mais detalhado em torno de um evento que foi costurador de porosidades entre espaço emocional dentro e fora de meu trabalho de campo – e também por isso a difícil separação dos eventos. Nesse sentido de permeabilidade, a visita à exposição *Jardins do Tempo* e as fotos clicadas nos dois espaços cemiteriais atrelaram-se à substância emocional em torno de sentidos de vida e morte a contar das interlocuções. Por sentidos de vida e morte me refiro às atribuições de lutos relatados, doenças referidas e vistas, ânimos por mudanças, desejos, anseios e uma gama de emoções de interlocutores de pesquisa desde 2016. Sentidos de vidas e mortes que eram presentes emocionalmente estavam em relação aos medos de luto e outras formas de não mais contatos com interlocutores. Nesse emaranhado, também havia o receio, na estrutura de vida e morte, da conjugação desta no singular.

Folhagens do Tempo – interlocução partilhada

Em agosto de 2019 a visita à exposição *Jardins do Tempo*, do artista Pazé, exibida no Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo foi-me um encontro com jardins – que, enquanto tema de observação e reflexão, passei a me aproximar aos poucos a partir de relações que tiveram início em 2016 - com uma temática que me fora, com constância e em distintas dimensões, pouco convidativa: os cemitérios.

Tanto a aproximação com os jardins quanto uma mudança na própria evitação simbólica pelos espaços cemiteriais foram alinhavados pelo que se iniciou naquele ano. Plantas, que compuseram, como mencionado anteriormente, subjetividades em torno da “interlocução partilhada”, estiveram desde 2016 presentes em contagens do tempo na Estação Sentinela. Vinculadas ao partilhar da interlocução, emaranharam-se a uma formação em jardinagem na Escola Municipal de Jardinagem (EMJ) em 2017. Meu interesse pelo envelhecimento sob esta mirada ganhou força e se intensificou com meu ingresso na pós-graduação em Gerontologia, processo formativo que compreendi como necessário pela pesquisa de doutorado e iniciado em 2018.

Conforme esse encontro de conhecimentos, parecia fundamental me debruçar na interlocução entre envelhecimento e jardinagem em diferentes direções. A aproximação com esse diálogo foi uma descoberta durante a especialização ao mesmo tempo em que a área gerontológica em termos de pesquisa me levou ao foco de interlocução com profissionais que se debruçam de mais de uma forma em jardins. Passei a diferenciar tal área como trabalho, temática de minha análise no trabalho de conclusão de curso, da jardinagem aproximada das áreas de arteterapia, lazer e educação e extensão. Tais assuntos, bifurcados em atividades diferentes, além de não serem excludentes, foram orientados desde o início pela “interlocução partilhada” no que concerne aos vegetais.

O trabalho de conclusão de curso da Pós-graduação buscou compreender, a contar da interlocução com os jardineiros a quem chamei de Mandacaru e Tales, a relação entre experiências de envelhecimento e pertencimento social a partir da trajetória e diálogo com dois trabalhadores de áreas verdes, cuja atividade prática é a manutenção de praças e parques na cidade de São Paulo, e a relação entre envelhecimento e jardinagem tangenciados por emoções e qualidade de vida. Para tanto, a pesquisa, localizada no campo da Gerontologia, partiu do tema envelhecimento como multidisciplinar e híbrido de características sociais, desde sua repercussão política e econômica aos parâmetros oriundos da Organização Mundial da Saúde, que ao tratar da qualidade de vida, dimensiona o caráter subjetivo do envelhecimento como um constituinte.

Desde o início do curso de especialização, passei a ministrar oficinas de minijardins para grupos considerados “idosos”, como maneira de me aproximar e realizar outras atividades de interlocução. Considero a formação em Recursos Paisagísticos também pela EMJ um processo importante no que refere às observações em torno das instituições voltadas às pessoas mais velhas e primordial à atenção de observação no que refere ao vínculo entre espaços e instituições com jardins. Nesse mesmo período, na Estação Sentinela houve um crescimento significativo de emoções nas interlocuções e da noção das possibilidades de partidas de interlocutores de pesquisa. Entre 2016 e 2019, consultas, internações, tratamentos, bem como conversas sobre dores, melhoras, medicações e articulações de saúde foram também parte das minhas horas com elas e eles.

Na ocasião de visita à exposição referida havia a presença de seu feitor. Realizei uma entrevista com o artista. No mês seguinte iniciei o trimestre de estágio sanduíche⁷ na Universidade de Buenos Aires com foco em imagens e fotografia e busquei, a partir de distintas relações e abordagens, tecer e continuar vínculos com temáticas e trabalhos desenvolvidos durante o mestrado e doutorado. Na agenda de minhas atividades, como desdobramento da entrevista com o artista referido – e seu trabalho –, o cemitério da Recoleta me pareceu uma possibilidade de ver as menções do entrevistado ao referido espaço, em sua, ao menos dupla dimensão: cemiterial e museológica. A abordagem em torno dessa questão se alinhava a uma série de experimentos imagéticos e fotográficos que eu vinha procurando realizar durante aquele período formativo. A ocasião deste ensaio fotoetnográfico está circunscrito também, deste modo, a vinculações formativas relacionadas ao intercâmbio e seu vínculo com o doutorado.

7 Supervisão de Cora Gamarnik.

Os três meses do período sanduíche conferiram também uma interrupção mais duradoura de contato com os interlocutores. Num domingo fui ao cemitério da Recoleta sozinha com a ideia de ver os apontamentos de Pazé. As sensações desagradáveis foram diminuindo seu ritmo pela presença de brotos no chão, nos muros e nos portões. Passei a fotografar essas cenas-presenças ao mesmo tempo em que sentia medo de fotografar as partes identificáveis daquele espaço: as placas com nome, as lápides. Essa sensação de receio me fora pensada também como respeito e isso, mais tarde, no mesmo dia, me fez pensar na moralidade dos meus cliques ali.

Dias depois, Fran, um amigo residente de Buenos Aires, me levou ao cemitério da Chacarita com a intenção de que eu visse um cemitério grande e menos turístico. As territorialidades das desigualdades e diferenças postas, construídas, guardadas e reservadas nos espaços cemiteriais, consideradas a contar do conhecimento do projeto da exposição visitada em São Paulo, combinavam-se ao convite de Fran, no sentido de pluralizar estes espaços. Vinculá-los a uma discussão sobre a organização social portenha e oferecer esse conhecer para os meus olhos de estrangeira fazia parte de sua proposta. As sensações incômodas no segundo cemitério visitado foram mais difíceis de serem distraídas. No da Chacarita, olhar para as plantas não foi mais preponderante como na Recoleta; eu não consegui prestar atenção por muito tempo às plantas nas diferentes formas de cimento que recobriam a terra.

Não mexi mais nas fotos. A lembrança das plantas na Recoleta continuou boa, mas não em conformidade com o dia ruim na Chacarita. Havia ambiguidades naquelas circunstâncias e uma catalizadora: eu tinha gostado das plantas na Recoleta e, embora a sensação não boa no Chacarita tenha sido motivo de ir embora, os registros de brotos ali também foram feitos. No início de 2020, não havia passado ainda as fotos para o computador, mas as visualizei depois de meses. Uma das imagens capturadas na Recoleta não me fora compreendida por ter escapado da atenção exclusiva às plantas. Outro par de fotos me despertava interesse pela diferença de ângulos desejados; um em que se via uma teia de aranha e outro que possibilitava a visibilidade de mais um broto.

Nos meses que sucederam à partida de Luara, o percurso dos cemitérios e das fotos mencionadas surgiam em conjunto em minha memória algumas vezes. A foto que eu tinha olhado rapidamente e não compreendido porque foi registrada não me agradava e dela eu recordava. Talvez esse olhar lembrado tenha direcionado os posteriormente tramados. Em agosto, a partida de Amanda, sentida diferentemente, abriu frestas no que referia à partida também de Luara. Amanda, com quem fiquei quase dois anos sem conseguir contato, fez uma ligação em abril com a notícia de que estava muito doente. Depois de anos tentando ter uma casa para alugar, o estimado morar sozinha se tornou em pouco tempo uma dificuldade. Conversava, entre muitas questões, sobre um tema que antecede e, nesse sentido, extrapola o cemitério: a doença e quando descontrolada.

Nosso reencontro fora marcado por suas grandes duas novidades e tão ambíguas – a casa e a doença não chegaram juntas, mas se encontraram cedo. O período foi marcado também pela maneira remota por conta da covid-19 e pelo falecimento de Luara. Amanda achou meu telefone e entrou em contato comigo pouco tempo depois da partida de Luara. Nenhuma se foi pela covid-19. Muito embora eu soubesse da doença de Amanda, como ela estava em tratamento é impossível não considerar que sua partida me deixou surpresa. Talvez mais desapontada pelo rumo que a sua outra novidade – a sua

casa – passou a ter para mim como uma ironia, como um gosto curto do seu desejo. Sua alegria curta contrastava a outros sentimentos tão distintos e vivenciados por ela.

A surpresa de saber da partida abrupta de Luara quando se aproximou da surpresa de receber a mensagem da neta de Amanda informando sobre o falecimento de sua avó me mostrava não somente que a surpresa existe também de variadas formas porque atribuições de sentido à partida de cada uma era única como ambas o eram, únicas. A surpresa das idas delas me trouxe também a noção de que Luara e Amanda foram quem me mostraram em sentidos emocionais o que as interlocuções em torno de trajetória de vida também podem conter. Os cuidados com a ilusão biográfica (Bourdieu, 2006) ficaram borrados quando o deslocamento de cada uma delas se referia ao campo de passagem; de vida e de morte. Atribuir sentido às suas partidas era inseparável do que eu sabia sobre elas e, sim, o que somente naquele abril e agosto comecei a tatear: na permeabilidade da passagem de cada uma delas atrelava-se, como numa substância emocional, atribuições de sentidos e fabulações para suas vidas e com suas vidas. Sim, “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história” (Bourdieu, 2006: 183).

Coelho (2019: 285), em consonância com uma revisão bibliográfica, apresentou três maneiras de lidar com emoções no projeto etnográfico. Nas questões pelas quais este ensaio perpassa, sobre duas destas formas tento me aproximar em reflexão: “intrusas indesejáveis” e “como maneira de entender a natureza da pesquisa etnográfica em si”. Na gama de emoções despertadas na “interlocução partilhada”, enfermidades e o medo delas estiveram em distintas intensidades desde que essas relações foram estabelecidas. Entretanto, foi durante o contato com os lutos e não mais sua antecipação emocional que a própria sensação foi rememorada. Olhar as fotografias dos dois cemitérios permitiu o tatear das partidas de Luara e Amanda, bem como da recordação do receio de luto.

Articuladamente com as trocas possíveis, participar, visitar, não perder o tempo de demonstrar atenção e preocupação compuseram, junto do medo do luto, dinâmicas etnográficas e de interlocução. Nos pós-dias do ir de Luara e de Amanda, essa mensuração do tempo se tornou tão tateável quanto escapável. Quanto ao não tornar público, não dar voz falada a sentimentos, não me recordo de falar sobre o medo do luto antes Luara e Amanda se apresentarem finitamente como finitas. Se agora não falo dos processos de luto, somente via eles, a percepção desse medo fora mais palpável.

Dois meses após a partida de Amanda resolvi fazer outra entrevista com Pazé. Depois dessa entrevista e de mais de um ano das capturas nos cemitérios da Recoleta e Chacarita, passei as fotos para o computador. Este ensaio é uma maneira de dar visualidade ao rever as fotos capturadas. Se recordar a atenção empreendida à vegetação em espaços em que a terra é circunscrita a uma coerência de fim de vida, seu crescimento nesta circunscrição, que se amalgama ao cimento, radicaliza o que Emanuele Coccia (2018: 13) aponta sobre as plantas: “forma paradigmática do estar-no-mundo”.

Imagens capturadas antes de duas partidas. Ambas temidas envoltas da interlocução partilhada, sentidas de forma distinta, mas também relacionadas. Desaparecimentos e Aparecimentos simultâneos, da vitalidade e da finitude, respectivamente que trouxeram o contato de lembrar receios de lutos junto de sensações que vinham com a efetivação da impossibilidade de olhar os corpos que não veria mais. Registros fotográficos feitos antes da segunda entrevista e depois da primeira. Capturas que,

depois de um intervalo engavetadas, se modificaram. Rever as imagens revestiu mudanças em lembrar o se expor aos cemitérios antes de despedidas não realizadas em tais espaços. Fotografias e lembranças revisitadas num mesmo momento, mas com muitos tempos relacionados. Com o movimento destes entrelaçamentos, os cemitérios clicados neste ensaio estão envolvidos da perspectiva de paisagem de Tim Ingold (2015: 90) “condensações ou cristalizações dentro de um campo relacional”.

Se a foto incômoda, destoante do foco nas plantas e que se tornou distante dos reflexos das trajetórias de Amanda e Luara até 2020 não integra este ensaio, uma outra imagem no conjunto revisitado se tornou possível. A companhia de Amanda e Luara neste percurso de visitar as imagens de encontro de espécies cravadas na terra e no cimento versa também sobre encontros entre curso da vida e ciclo de vida. Planta, tanto a mistura dum antes e depois de suas partidas quanto as dificuldades de despedidas.

Um buque de flores registrado em uma paisagem formada também por vidro refletor – tanto de luz quanto de imagem, dinâmicas, posições e espécies – imprime uma aparência a nossa interlocução e, deste modo, permanece. Da captura da imagem, entre os pseudônimos de ambas, e entre formas e feições destes, reagentes a seus anonimatos, o reconhecimento desse ramalhete anônimo, sob os efeitos de passagem do tempo, reitera o meu oferecimento, lembrança e presença de nossa partilha.

Natalia Negretti é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pós-graduada em Gerontologia pela Faculdade de Educação em Ciências da Saúde do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (FECS/HAOC).

FINANCIAMENTO

Bolsa de Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e, no período de estágio doutoral, Bolsa da Rede de Macrouiversidades da América Latina e do Caribe (Red Macro).

AGRADECIMENTOS

Com, por e em memória de Amanda e Luara. À Estação Sentinela. Às agências de financiamento. À Natália C. Padovani. A Campos e a toda(s) a(os) pareceristas anônima(o)s pelas contribuições desde a primeira versão deste texto e pelo o exercício em torno do que estava difícil de pronunciar e digitar.

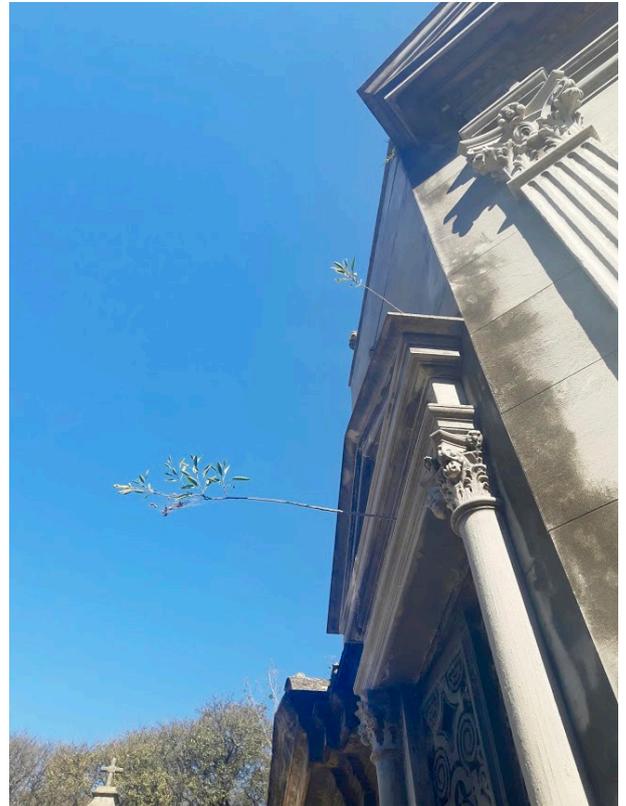


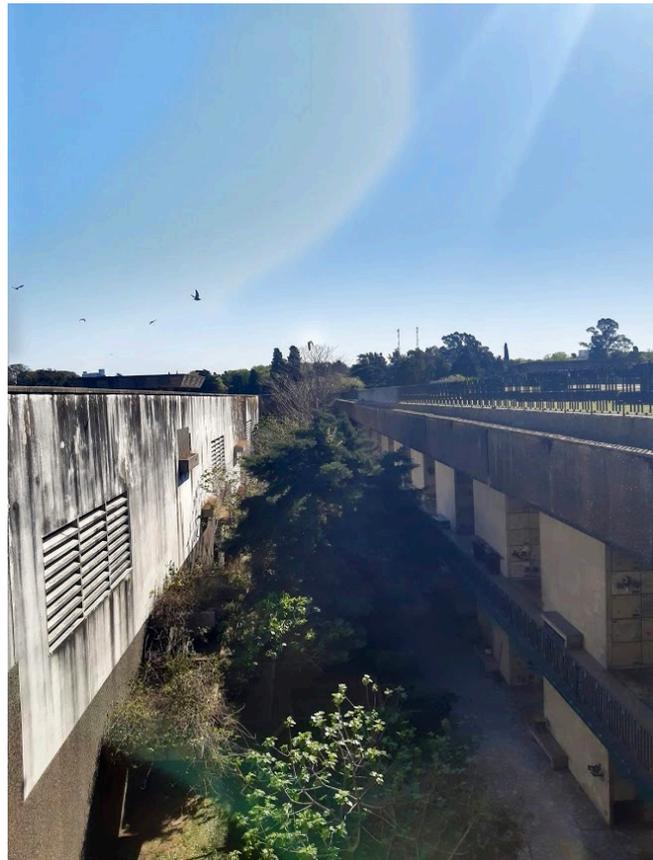














*Rua
Espada nua
Boia no céu imensa e amarela
Tão redonda a Lua
Como flutua
Vem navegando o azul do firmamento {...}*

- Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim

*Te recuerdo Amanda
{...}
La sonrisa ancha
La lluvia en el pelo
No importaba nada
Ibas a encontrarte con él
Con él, con él, con él, con él, con él
Son cinco minutos
La vida es eterna en cinco minutos
{...}
- Víctor Jara*

REFERÊNCIAS

- Achutti, L. (1997). *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca.
- Agamben, G. (2009). *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Birman, J. (2015). Terceira idade, subjetivação e biopolítica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 22(4), 1267- 1282. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000400007>
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In J. Amado, & M. Ferreira (orgs). *Usos e abusos da história oral* (pp. 183-191). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bruno, F. (2003). *Retratos da Velhice, um duplo percurso: metodológico e cognitivo* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Calvino, I. (2015). Personagens e Nomes. In M. Barenghi. *Mundo escrito e mundo não escrito – Artigos, conferências e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carsten, J. (2014). A matéria do parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCar - R@U*, 6 (2), 103-118. <https://doi.org/10.52426/rau.v6i2.125>
- Coccia, E. (2018). *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Desterro; Cultura e Barbárie.
- Coelho, M. (2019). As emoções e o trabalho intelectual. *Horizontes antropológicos*, 25(54), 273-297. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200011>
- Crapanzano, V. (1991). Diálogo. *Anuário Antropológico*, 88, 59-80. <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6410>
- Da Matta, R. (1978). O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. *Boletim do Museu Nacional: Antropologia*, 27, 1-12. <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmn/article/viewFile/49240/26886>
- Debert, G. (1998). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In M. Barros (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. (pp. 49-67). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Debray, R. (1993). *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis: Vozes.
- Didi-Huberman, G. (2015). *Falenas: ensaios sobre a aparição*, 2. Lisboa: KKYM.

- Fonseca, C. (2007). O anônimo e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. *Teoria e Cultura* 2(1-2), 39-53. <https://periodicos.uuff.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12109>
- Foucault, M. (2013). De espaços outros. *Estudos Avançados*, 27(79), 113-122. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285>
- Foucault, M. (2013). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- França, I. (2010). *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo* (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Gomes, E., & Menezes, R. (2008). Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. *Ponto Urbe*, 3. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1748>
- Hansberg, O. (1996). De las emociones morales. *Revista de Filosofía*, 16, 151-170. <https://revistas.ucm.es/index.php/RESF/article/view/RESF9696220151A/10971>
- Haraway, D. (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 07-41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>
- Ingold, T. (2015). *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.
- Kossoy, B. (1989). *Fotografia e História*. São Paulo: Ática.
- Mãe, V. (2011). *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify.
- Magni, C. (1995) O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes da rua. *Horizontes antropológicos*, 1(2), 141-149.
- Mauss, M. (1979). A expressão obrigatória dos sentimentos. In R. Cardoso de Oliveira (org). *Marcel Mauss* (pp. 147-153). São Paulo: Ática.
- Mignolo, W. (2017). Desafios coloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, 1(1), 12-32. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>
- Motta, A. (2002). Gênero e Geração: de articulação fundante à “mistura indigesta”. In: S. Ferreira & E. Nascimento (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea* (pp. 35-49). Salvador: NEIM/UFBA.
- Negretti, N. (2018). Entrechos anônimos em territorialidade. *Exposição Fotográfica. 42º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu.

- Negretti, N. (2020). O indeterminado cravado do tempo: uma performance da sensação perante o ofício-pesquisa no revelar das folhas. *Cadernos Lepaarq*, 17 (33), 212-222. [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/LEPAARQ.V17I33.16176](https://doi.org/10.15210/LEPAARQ.V17I33.16176)
- Padovani, N. (2018). *Sobre casos e casamentos: afetos e amores através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona*. São Carlos: EduFSCar.
- Peixoto, C (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, terceira idade. In: M. Barros (org). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. (pp. 70-84). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Perrot, M. (2017). Os excluídos da história. *Operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental; Ed. 34.
- Ribeiro, A., & Lourenço, A. (2001). Discurso tentativo sobre o anonimato. *Soc. estado*. 16 (1-2), 113-132. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922001000100006>
- Ribeiro, A. (2013). Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. In Ribeiro, A. (org). *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Vol. 2. (pp. 29-39). Rio de Janeiro: Letra Capital.
- Samain, E. (1997). O que vem a ser portanto um olhar? Prefácio. In L. Achutti. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre. Tomo Editorial; Palmarinca.
- Samain, E. (2012). As imagens não são bola de sinuca. Como pensam as imagens. In E. Samain (org). *Como pensam as imagens*. (pp. 21-36). Campinas: Editora da Unicamp.
- Santos, M. (2005) O retorno do território. *Observatorio Social de América Latina*. 6(16): 251-261. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>
- Tótor, S. (2008). Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Revista Kairós*, 11(1), 21-38. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2008v11i1p%25p>
- Tótor, S. (2015). *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: EDUC; Fapesp.
- Villaca, A. (2017). Paletó e eu: memórias do meu pai indígena. *Questões Antropológicas. Revista Piauí*. (133). <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/paleto-e-eu/>
- Weber, F. (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 157-170. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>

CRAVADOS DO TEMPO: ENTRE TERRITORIALIDADES E CONJUGAR PARTIDAS E(M) UM TATEAR FOTOGRAFIAS

Resumo: Este ensaio tateia entrelaçamentos de emoções e “interlocução partilhada”. A contar de um conjunto de imagens capturadas em dois cemitérios busco fazer memória em dois tempos: processos de luto e modos de lidar com as emoções em campo a partir de fotografias e plantas. Fotografias vinculadas a uma exposição e ao que poderia ser compreendida como uma dimensão externa da atividade etnográfica, mostram sua face permeável. A articulação entre jardins e cemitérios do trabalho artístico visitado se desdobrou em trajetos de temas com os quais eu lidava com aproximação e afastamento, respectivamente. O conjunto fotográfico, revisitado após a partida de Luara e Amanda, duas mulheres com quem partilhei interlocução, uniu, a um só tempo, a revisita do lidar com imagens e vegetais nos processos subjetivos, vínculos de plantas e fotografias como temas de trabalho vinculados à interlocução partilhada e atribuição de sentido aos dois espaços cemiteriais.

Palavras-Chave: interlocução; emoções; fotografias; cemitérios; memória.

SPIKED IN TIME: BETWEEN TERRITORIALITIES AND CONJUGATING MATCHES AND(IN) A GROPING FOR PHOTOGRAPHS

Abstract: This photoethnographic essay gropes entwined emotions and shared interlocution. Based on a set of images captured in two cemeteries, I seek to make memory in two times: mourning processes and ways of dealing with emotions in the field from photographs and plants. Photographs linked to what could be an exhibition and an external exhibition of the activity, show its permeable face. The articulation between the gardens and the cemeteries of the artistic work visited unfolded the trajectory of approaching themes in which they relate, respectively. The photographic set, revisited after the departure of Luara and Amanda, two women with whom I shared an interlocution, brought together, at the same time, the revisiting of dealing and vegetables in the subjective images, links between plants and photographs as themes of work linked to the interlocution and attribution of meaning to the cemetery space.

Keywords: Shared Interlocution; Emotions; Photographs; Cemeteries; Memory.

“CRAVADOS DO TEMPO”: ENTRE TERRITORIALIDADES Y CONJUGAR PARTIDAS EN UN ENTRELAZARSE CON FOTOGRAFÍAS

Resumen: Este ensayo fotoetnográfico propone experimentalmente entrelazamientos de emociones e “interlocución compartida”. Partiendo de un conjunto de imágenes capturadas en dos cementerios busco hacer memoria en dos tiempos: procesos de luto y modos de lidiar con las emociones en campo por medio de fotografías y plantas. Fotografías vinculadas a una exposición y a lo que podría ser comprendida como una dimensión externa de la actividad etnográfica, muestran su cara permeable. La articulación entre jardines y cementerios del trabajo artístico visitado se desdobló en trayectos de temas

con los cuales yo me relacionaba a través de la aproximación y el distanciamiento, respectivamente. El conjunto fotográfico, revisitado después de la partida de Luara y Amanda, dos mujeres con las que compartí interlocución, unió, a un solo tiempo, la revisita de los modos de relación con imágenes y vegetales en los procesos subjetivos, los vínculos de plantas y fotografías como temas de trabajo relacionados con la interlocución compartida y la atribución de sentido a los dos espacios cementeriales.

Palabras clave: Interlocución; emociones; fotografías; cementerios; memoria.

RECEBIDO: 02/02/2021

ACEITO: 21/12/2021

PUBLICADO: 27/06/2021



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC